

Stadium

197—11 de Setembro de 1946—Esc. 2\$00



ESPIRITO SANTO

DO BEMFICA

Estimote

197-11 de Setembro de 1946 - 2500
A Iluminante

Material eléctrico
para
todas as aplicações

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
LISBOA

Rua Passos Manuel, 209
PORTO

ESPRITO SANTO

DO BRASIL

Stadium

N.º 197-11 DE SETEMBRO DE 1946 PREÇO 2\$00

O Clube Desportivo de Estarreja inaugurou o seu campo de jogos



Um aspecto do novo campo do Clube Desportivo de Estarreja.



As equipas do Oliveirense e do Belenenses que inauguraram o novo campo.



O sr. dr. Joaquim Matos, representante da Associação de Futebol de Aveiro, cortando a fita simbólica para inauguração do novo campo.



Entidades oficiais e convidados que assistiram à inauguração.



Aspecto dos balneários do campo.

Duas defesas oportunas do guarda-redes do Oliveirense.



COMEÇOU A BOLA!

Em Estarreja, o BELENENSES vence

abrindo-nos o apetite para os jogos que vão seguir-se

Crónica de TAVARES DA SILVA

COMEÇAMOS no domingo a ver futebol. E não podíamos começar melhor. Fora de Lisboa, o jogo da bola oferece aspectos inesperados e muito curiosos. Há muita gente por esse país fora capaz de se sacrificar pelo desporto — dando-lhe tudo, quase nada lhe pedindo a não ser um pouco de alegria, satisfação e emoção.

É o caso de Estarreja! O Clube Desportivo local, animado pela boa vontade e pela dedicação de meia dúzia de rapazes — cujo entusiasmo é como a bola de neve! — resolveu desassombradamente fazer uma obra desportiva. Com o incremento industrial que a vila está a tomar, criaram-se condições que nunca existiram nesta região. Jogadores e atletas não faltavam. Mas não havia aquilo que era essencial: — um parque de jogos.

Peis há agora um campo em Estarreja, excelentemente situado, amplo, de 100 metros por 64, com balneários higiénicos que clubes relativamente importantes da cidade não desdenhariam possuir. Para a inauguração, veio o Belenenses, de Lisboa, e o Oliveirense, de Oliveira de Azeméis. O parque de jogos do Clube Desportivo de Estarreja abriu no domingo de par em par as suas portas, e dois homens, principalmente, os que tornaram possível a obra, Artur Cunha e Alexandre Miranda, estremeçaram de ternura. Era um sonho transformado em realidade. A inauguração do campo foi simples e modesta, como é próprio da colectividade em festa. Teve grandeza no seu significado. Uma iniciativa de poucas pessoas absorve aos poucos toda a gente da terra. Dentro de pouco tempo! — desejamo-lo ardentemente! — será de todos.

Os belenenses foram aguardados na Câmara Municipal, recebendo as boas-vindas do sr. Vasco Ribeiro, vice-presidente do Município. Falaram também os srs. dr. Henrique Souto e Miguel Buttler, em nome do grande clube lisboeta. Todos os oradores tiveram para conosco atenções e amabilidades que profundamente nos desvaneceram. Quem escreve estas linhas tem-se limitado a impulsionar apenas uma bela e magnífica ideia. Foram os de Estarreja que tudo fizeram, merecendo inteiramente a bela festa de domingo passado. No campo compareceram altas entidades des-

portivas e oficiais de todo o distrito, com o presidente da Associação de Futebol de Aveiro, dr. Joaquim Tavares de Matos. Enfim, uma data inesquecível em Estarreja e mesmo no futebol de Aveiro.

Que dizer propriamente do jogo? Respondemos com a seguinte afirmação: O Oliveirense utilizou a luta para a experiência de valores; o Belenenses fez um desafio-treino a sério, isto é, já para dar forma aos seus elementos. Do lado lisboeta, uma organização tão perfeita que as jogadas saíam limpas, dando a impressão de naturalidade. Quando assim é, algumas vezes, o público pouco entendido nem se apercebe do nível técnico do jogador que executa.

Técnicamente — porquê esconder esta verdade? — o Belenenses ficou a uma grande distância do grupo de Oliveira de Azeméis. Quando um *team* joga como jogou o Oliveirense, com a fogsosidade próxima do furor, é porque ainda não atingiu a *classe* de jogo. Essa faceta prejudicou afinal o jogo oliveirense. Os rapazes, à força de tanto quererem fazer, pouco acabaram por fazer. Os jogadores nunca podem deixar de raciocinar. Se tal sucede, não há vigor e energia que cheguem. Os melhores lances do vencido foram construídos precisamente no momento de calma. De resto, o Oliveirense é susceptível de melhoria, e João Carlos não deixará de anular alguns defeitos da equipa, cuja linha de ataque tem direito a uma melhor defesa.

Sabemos que o terreno, um pouco barrento, por efeitos da chuva copiosa que caíra na véspera, pondo em perigo o encontro, prejudicava o controlo de bola, mas o prejuizo era igual para todos e maior para o melhor. Pode dizer-se, concluindo esta parte do nosso trabalho, que o Belenenses se apresenta com muita categoria, mantendo os seus pergaminhos de campeão. Vendo-o jogar em Estarreja, compreendemos porque vença em Lisboa o torneio Relâmpago da Volta a Portugal.

Sob a arbitragem do sr. Augusto Pacheco, um bom árbitro de Aveiro, os grupos alinharam:

Belenenses: Sérgio, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Elói, Andrade, Quaresma e Rafael. Na segunda parte foram utilizados Capela, Sérgio

(médio), Mário Coelho e José Pedro.

Oliveirense: Teixeira, Henrique, Joaquim, M. Oliveira, Adeline, Eurico, Aníbal, João Tavares, Alípio, Alves e Armando. Entre as várias alterações anotamos a entrada de um avançado-centro, novo, rapaz vindo há pouco do Brasil, Simões e Domingos.

Os lisboetas jogaram a favor do vento na primeira parte. O jogo, logo de início, deu a sensação de partida de campeonato. Aos ataques belenenses não correspondia uma defesa eficaz do lado oliveirense. Registraram-se, no entanto, vários internamentos da equipa grenat.

O defesa Feliciano, ainda que um pouco pesado, distinguiu-se na marcação de *livres*. Andrade, sem fortuna, destacou-se pela

marca de três ou quatro remates — estupendos!

A meio do primeiro tempo, o Belenenses abrandou — como consequência da fogsosidade do adversário. Nessa altura marcou Armando a primeira bola, que, como resultante, deixou Teixeira, o *keeper* contrário, até aí à altura da situação, claramente desorientado. De aí a pouco marcava Rafael, em cruzamento de Armando, a segunda bola.

O jogo piorou na segunda parte. Neste tempo, com os belenenses irritados pela *maneira* do adversário, o futebol viveu de esforços isolados dos jogadores. Os lisboetas tentaram *brincar*, mas o seu adversário não lhes dava tréguas. Insistia sempre — corajosamente.

O terceiro tento, de Armando, a meio desta parte, resolveu definitivamente o problema. O Belenenses, à vontade, fez mais uma bola, a quarta. E a seguir somente a registar o ponto de honra de Oliveira de Azeméis, a cargo de Alípio.

É difícil avaliar, por um jogo, a forma de aqueles que jogam. Parece-nos, todavia, que Vasco, Serafim, Amaro, Andrade, Rafael e Quaresma são homens, já nesta altura, para todos os *momentos*, mesmo os mais difíceis. Augusto Silva tem cuidado com os seus homens. Como este jogo nos abriu o apetite — para todos que vão seguir-se, domingo a domingo, sem paranças.

NATAÇÃO

Mário Simas, Pereira Bastos, Artur Mendes Silva, Guades Gonçalves e o Estoril-Praia

são campeões nacionais

AS provas máximas de natação portuguesa tiveram, este ano, por cenário, a «monumental» piscina do Luso. Monumental no nome, e na realidade — com seu magnífico tanque de 50 x 20 metros, de águas transparentes. Mas com um inconveniente grande, para provas desportivas: as dimensões das pistas — com que os nossos nadadores não estão familiarizados — e, sobretudo, a água, de muito baixa temperatura e de fraca densidade. Não admira, pois, que, nestas condições, os «tempos» oblidos não sejam [amosos, inclusive] se não esquecermos que a temperatura exterior — a tarde de sábado esteve bastante chuvosa — também não era propícia e que os nadadores realizassem proezas de vulto.

Mesmo levando em consideração os contras apresentados, os nacionais de 1946 deixaram impressão favorável. Caracterizou-os, essencialmente, o número elevado de participantes, e tiveram — caso curioso — nos provas complementares, alguns dos seus melhores momentos.

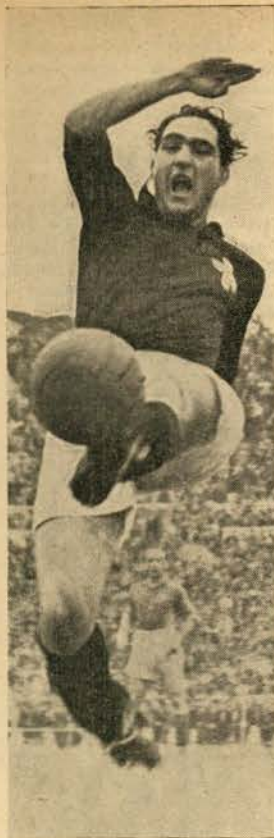
Os representantes da Associação

de Lisboa estiveram em evidência, conquistando a totalidade dos títulos. Não admira. Enquanto não se derem à província condições de trabalho, enquanto não se resolverem problemas pendentes há muitos anos, e enquanto não se atender aos anseios das outras Associações regionais — com Coimbra em primeiro plano — há de verificar-se, sempre, este acentuado desnível, esta impossibilidade de a província lutar em pé de igualdade com os representantes da capital, que anualmente vão aos nacionais confirmar os seus títulos de campeões de Lisboa.

É dentro deste capítulo, há, realmente, que pôr no devido relevo o comportamento dos nadadores funchalenses — na sua primeira visita ao continente. Conheçamos os «tempos» de que vinham creditados (oblidos na piscina de água salgada do Lido), mas a verdade é que não se esperava tanto dos simpáticos madeirenses. José da Silva, nos 400 metros-livres, deu-se ao luxo de vencer o «internacional» Belmiro

(Continua na pág. 10)

Que pensa que vai ser a próxima época de futebol?



Genica, beleza atlética. Eis que surge de novo o futebol, com a sua auréola de grande entusiasmo — Voltou a emoção dos grandes momentos. Começou a bola.

ano de actividade do futebol nacional?

Os pensamentos são-nos transmitidos, perfilhando a observação, o estudo, deste caso desportivo que mais interessa: o futebol.

Na Associação de Futebol de Lisboa

Subiros ao quinto andar da Trindade onde está a Associação de Futebol de Lisboa.

Paiva e Silva está já senhor do cargo. Bom timoneiro. A A. F. L. vai singrar com prestígio.

Assim, nos disse, o seu pensamento:

— Por mercê dos resultados obtidos nos últimos encontros internacionais, e resultante de um maior número de regiões interessadas no Campeonato Nacional, melhorou a classe e apurou-se a ciência do jogo, aumentando consideravelmente a quantidade de praticantes e entusiastas assistentes, que a temporada prestes a iniciar-se promete largos horizontes ao futebol e há-de trazer-nos a maior satisfação pelos progressos verificados.

O Benfica está confiante

Para se saber alguma coisa de futebol no popular Benfica é preciso falar com Joaquim Bogalho. Está na sua mão tudo quanto diz respeito ao desporto que tem levado o Benfica aos grandes momentos de glória.

— Penso que a nova época — diz-nos — vai ser boa. Deve ter bastante interesse. O Benfica prepara-se para ela com cuidado. O nosso esforçado trabalho durante o defeso por certo que há-de ser compensado. Renovamos todos os nossos conjuntos de futebol e creio que o termos dispensado 25 elementos e pedido a transferência de 22 jogadores nos porá em posição de certo privilégio. Foi uma grande cartada. Aguardemos o que nos irá dizer o jogo.

De uma maneira geral, penso que a nova época será melhor que a anterior. Sobre tudo sobre o aspecto espectacular.

O que pensa um técnico e jornalista da bola

Ricardo Ornelas é um técnico de comprovado valor. Sabe da bola como gente grande. Quando lhe fizemos a pergunta, não pensou. Foi claro. Não é pois um pensamento, é uma opinião — autorizada.

— Apreciando a nossa maneira de jogar a bola, deve-se manter o ritmo, até mesmo para justificar a sabedoria da questão. Da mesma forma esse ritmo deve-se aperfeiçoar. Quanto à organização, verifica-se que não há uma ideia orientada no sentido de valorizar a acção dos clubes e também o rendimento do jogo.

O pensamento de Augusto Silva

Augusto Silva mantém no futebol português justo prestígio. Vem dos tempos magníficos de Amsterdão. Mas mesmo depois de despir o «maillote» azul do Belenenses, o seu nome continua esplendidamente agarrado ao futebol nacional.

Conhecedor profundo dos segredos da bola, espírito ponderado, amavelmente Augusto Silva não escondeu o seu pensamento:

— Penso, que, neste momento, é uma incógnita. Nem mesmo os primeiros pontapés nos há-de dizer nada daquilo que poderá ser a nova época de futebol. No entanto, creio que será animada. Penso até que neste novo ano se confirmará melhor o valor do nosso futebol, agora já mais seguro da sua técnica, mais senhor dos seus métodos. E — não é um pensamento, é uma certeza — vai ser muito maior a popularidade do jogo.

Também já pensei nos jogos internacionais deste ano. E por uns cálculos que fiz, prevêo que vamos ter boas vitórias.

Alfredo Valadas

Eis um nome que não esquece. Ficou bem firme o prestígio dos anos que briosamente jogou à bola.

Que pensa?

— Que vai ser uma boa época, pela preparação que os clubes têm seguido e pelo grande interesse da província, justificado pelos tantos pedidos de transferência feitos. Penso que este pormenor revela o muito interesse e entusiasmo que vão pela província, com os quais só tem a lucrar o futebol nacional.

No meio «leonino»

Roubámos uns momentos aos afazeres do dr. Ribeiro Ferreira. O dirigente-chefe da família «leonina» pensa que:

— Subirá mais alto o nível técnico do jogo e por isso mais nos vamos valorizar internacionalmente.

Quanto ao Sporting, a esperança nos bons momentos é segura. As

nossas fileiras foram aumentadas com rapazes novos e é de crer que os resultados sejam bons.

Carlos Canuto

O conhecido e popular árbitro — nome prestigiado pelo futebol internacional, pensou rapidamente.

— Vai ser um ano muito animado, ninguém tenha dúvidas a este respeito, e estou esperançado que há de surgir algumas novas estrelas para brilhar no grupo nacional.

Jorge Vieira

Outro nome grande do futebol português. Jamais foi esquecido.

— Vai ser caso falado. Contem com entusiasmo e do bom. Quanto a técnica, ainda não vi nada, é muito cedo.

Penso sim que o futebol há-de sair ainda mais prestigiado ao fim desta época que se inicia. E espero que me não arrependerei de assim pensar.

Espírito Santo

Eis um idolo! A pérola negra do Benfica diz-nos que:

— Ainda não pensei bem nisso. Possivelmente, há-de ser uma cópia das outras épocas. No entanto, tirando o natural interesse do princípio, cairá no normal, como as outras épocas.

O olhanense Cabrita

O avançado olhanense Cabrita conquistou já um lugarzinho no público da bola. Tem mérito para isso. Pensa que:

— Não penso nem por segundos que não vai haver grande animação. Tudo estará a postos para se lançar a grande ofensiva do entusiasmo futebolístico. Os outros bem podem pensar no Olhanense.

Aqui ficam, leitor amigo, alguns pensamentos de gente da bola. Se tivéssemos espaço, também iríamos saber o teu pensamento. Havia de nos dizer que pensas na boa forma dos teus ídolos, que já pensaste que há-de ser do teu clube a grande vitória. Já pensaste também na emoção dos tentos que quererás ver aplicados ao adversário. E tiveste também um pensamento grande, formoso, para a tua carolice de grande adepto do jogo da bola — já pensaste uma vez que desjerias ser também como eles, os ídolos.

Oxalá que os teus pensamentos te saiam certos, para que o jogo não seja furado ou para não julgares que pensaste alto demais.

COMEÇOU o futebol! Voltou de novo a alegria aos campos da bola, que durante dois meses viveram o seu ambiente de sossego — demasiadamente tranquilo. Teremos de novo as tardes ruidosas em que a multidão, gritando a plenos pulmões o seu entusiasmo, ante a exibição atlética dos jogadores, esbanjando energias, compõe quadro admirável, de um colorido vivo, em que as tintas mancham fortemente cada pormenor que forma o conjunto de um campo de futebol nos seus momentos de vida, cantando saúde e prazer. E, quer o sol bata de chapa, inundando tudo com o seu calor, ou o campo seja envolvido em borrasca de Inverno, o jogo é sempre alegre, vivo, fazendo alarde de quanto o valoriza a compleição física do atleta.

Já os ídolos, e os desejosos de se imporem ao público que os há-de acompanhar durante meses seguidos nas suas digressões pelos campos da bola, apareceram no rectângulo de jogo. Os onze de cada grupo aprestam-se para o encontro — desafio rijo, onde baila o interesse pelo título de campeão.

O jogo vai principiar, iniciando uma nova época do futebol lisboeta. Melhor? Pior?

— Que pensa que vai ser o novo

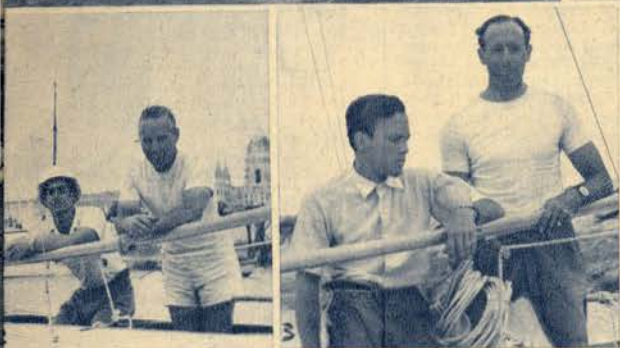


Os valorosos ciclistas portugueses que tomaram parte na XI Volta a Portugal em bicicleta, foram festivamente recebidos no Porto. Foi uma tarde de festa. Ovações delirantes — a cidade em ruidosa manifestação rodeou os corredores, levando-os em triunfo através as ruas da briosa capital ao Norte. Houve uma sessão solene com discursos entusiasmados, agitaram-se bandeiras e sobre os corredores caíram flores. O Porto, que sabe corresponder aos feitos que os seus praticam, compreendeu o brío com que se portaram os ciclistas que o representaram na dura prova desportiva. E homenageou-os assim, condignamente por entre vivas e flores, com palavras bem timbradas mas que por vezes a emoção abafou. Mas houve a grã permanente na grande manifestação onde milhares de olhos absorviam especialmente uma figura simpática de grande desportista: Fernando Moreira. O Porto elegeu um ídolo!



1 — A multidão — massa compacta de entusiastas do desporto — rodeou os ciclistas portugueses desde a estação de Campanhã até à sede do F. C. do Porto. 2 — Os corredores foram recebidos na sede do F. C. Porto onde os homenagearam com uma sessão de boas-vindas. Vêmo-los juntamente com os directores da União Ciclista do Norte, Académico F. C., Salgueiros e F. C. P. 3 — Fernando Moreira teve à sua chegada as saudações das mulheres portuguesas. Eis um grupo das que «viveram» a grande jornada do ciclista nortenho. 4 — Um aspecto da recepção à chegada dos ciclistas à estação de Campanhã. 5 — No decorrer da sessão de boas-vindas no F. C. Porto, Fernando Moreira lá está, ao centro, rodeado dos directores do seu clube e de alguns dos trofeus conquistados

VELA



CONSTITUÍRAM duas significativas demonstrações do valor actual do nosso desporto da vela as regatas de «stars» do 15.º Distrito da «Frota de Stars», em que estão incluídos Portugal e Espanha e as que formaram o conjunto das regatas internacionais da «Semana de Vela».

Primeiro em Pedrouços, com os elegantes barcos tripulados pelos melhores nomes de velejadores dos dois países peninsulares, depois em Cascais — valorizadas pela comparação de tripulações espanholas, francesas, inglesas e suecas pondo em navegação perto de uma centena de embarcações de todos os tipos e classes. Em qualquer das regatas os portugueses triunfaram amplamente. Foram vitórias nítidas, marcando inegavelmente os nossos progressos, acentuando a disposição excelente dos nossos velejadores para o desporto náutico, especialmente o de vela.

Mais significativo ainda o facto da maioria das tripulações ser constituída por gente nova mas de apreciável moral desportivo e fazendo alarde dos seus conhecimentos técnicos na arte de velejar.

Se os nomes de Joaquim Fiuza, Ernesto Mendonça, irmãos Schedel e irmãos Belo, são figuras já familiarizadas com a vela e com presenças vitoriosas em várias regatas, o maior número é de gente nova — grupo numeroso que a Secção de Desportos Náuticos da Mocidade Portuguesa e a Brigada Naval formaram com boa técnica.

As melhores provas de confronto vieram este ano, especialmente com tres provas de grande valor. A nossa vitória em Inglaterra conquistando brilhantemente a famosa «Connaught Cup», o Portugal-Espanha e a «V Semana de Vela», valorizadas estas provas pela concorrência com boas tripulações estrangeiras. As provas estão dadas-magníficas.

Nas regatas da formosa Baía de Cascais atingiu-se a mais nítida posição do nosso valor. Sucessivamente em todas as classes de barcos os portugueses foram somando vitórias a concluir percursos feitos com esplêndido sentido técnico, revelando prova a prova a superioridade que de há tempo vêm demonstrando.

Principalmente há a destacar as boas provas dos velejadores portugueses nos «Sharples de 9.m²», postos em confronto com os franceses que tem sido de entre as tripulações estrangeiras que tem navegado em Cascais os mais regulares competidores e também aqueles que melhor se tem imposto aos velejadores portugueses.

E este facto é bem demonstrado pelo velejador francês Laverne, disfrutando, ao concluir-se as regatas de domingo, de um primeiro lugar na classificação geral.

Domingo ultimo foi o grande dia de regatas. Há quantos anos Cascais, que sempre primou pelas organizações de desportos nauticos, não via assim tão movimentada a sua Baía, a praia os jardins de Castro Guimarães. Há mais de tres dezenas de anos!

Chegaram a estar em regata mais de sessenta embarcações! E de tarde, com bom vento Norte, disputou-se a regata Internacional. Foi a primeira derrota portuguesa. Venceram os espanhóis, que no conjunto de todas as regatas disputadas tem demonstrado melhoria de técnica. A avaliar pela navegação que fizeram em frente de Cascais pode-se prever para breve uma organização de tripulações espanholas de muito valor.

Os ingleses demonstraram também serem bons velejadores. No entanto seguiram uma técnica um pouco diversa onde a impetuosidade dos velejadores portugueses, plena de entusiasmo, os ultrapassou.

O sol tem doirado a linda baía de Cascais, extraordinariamente animada pelas dezenas de embarcações de velas enfunadas pelo vento de feição têm feito percursos de beleza e de triunfo — merecidamente os velejadores portugueses.

AUG.

1 — Uma largada movimentada, ao largo de Cascais. 2 — Ernesto Mendonça e João Schedel, vencedores da última regata de «Stars» no Portugal-Espanha, 3 — Joaquim Fiuza e Júlio Goutinho, vencedores do Portugal-Espanha. 4 — Um «Star» em plena regata. 5 — A largada dos «Snipes». 6 — Um aspecto das regatas de domingo quando o aviso «Pedro Nunes» chegava a Cascais levando a bordo o sr. Presidente da República. 7 — Outro aspecto das regatas de «Stars». 8 — O «Wiking», o triunfador do Portugal-Espanha.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

O Campeonato das Ligas Inglesas

RECOMEÇOU o futebol na Inglaterra, iniciando-se os Campeonatos das Ligas, que nesta época serão três: a Primeira, Segunda e Terceira Ligas, subdividida a última em zonas Norte e Sul. Os jogos realizam-se de preferência aos sábados, mas terão lugar noutros dias da semana, igualmente.

Na primeira tarde, 31 de agosto, apesar das fortes chuvas que tombaram nalguns distritos, registaram-se 957.646 espectadores nos 43 jogos realizados. A média, de 23 mil pessoas por cada jogo, atesta, com suficiente eloquência, a avidez do público britânico pelo jogo da bola redonda.

O resultado mais surpreendente e pesado foi a vitória de Wolves sobre o Arsenal, no antigo campo por 6 a 1, depois de acabada a primeira parte com um empate a zero tentos.

A melhor exibição e a mais imprevista teve lugar entre o Brentford e Everton. A vitória do primeiro por 2-0 constituiu um êxito magnífico, principalmente por ter sido conseguida fora de casa.

West Ham foi derrotado por Plymouth Argyle, um grupelho que no ano transacto levou meses até conquistar a primeira vitória. O primeiro tento da temporada foi marcado por Wilson Jones (Birmingham), após dois minutos de luta, no campo de Tottenham.

Como contraste de carácter meteorológico, registre-se que chovia e trovejava forte em Chesterfield, enquanto o sol brilhava radioso em Brighton.

O grupo Bury saiu ao terreno com uma formação à russa e meteu 7 bolas a 2 ao adversário, o Fulham.

O jogador chileno Robledo, que milita no Barnsley, enfiou 3 nas redes do Notts, obtendo um golo de vantagem final ao cabo dos noventa minutos regulamentares.

Os célebres Lawton e Stubbins, maiores das linhas dianteiras do Chelsea e do Newcastle United, marcaram a sua classe.

O primeiro lutou praticamente sozinho contra o Manchester United, que está fadado a altos destinos no campeonato da Primeira Divisão.

O Derby County ganhou bem ao Portsmouth por 2-0, fazendo a trindade dianteira: Carter, Jack Stamps e Doherty, um jogo combinatório de grande penetração, mas pouco eficiente.

O Charlton empatou com o Stoke City (2-2) fora de casa e venceu o Leeds United (2-0), salvando o prestígio dos clubes londrinos, cuja figura tem sido detestável.

O Crystal Palace perdeu em Reading por 10-2 (3.ª Liga), e o Arsenal e o Chelsea afundaram-se, jogando em casa, ante o Blackburn (3-1) e o Manchester United (3-0).

Eis os tópicos principais da semana finda.

FLECHA

a melhor bicicleta

Stadium

CICLISMO

Os campeonatos do Mundo

PROSSEGUIRAM, devendo estar concluídos à hora em que estas palavras vierem à luz da publicidade, os campeonatos do Mundo de ciclismo.

A prova de estrada (profissionais) foi ganha pelo fundista suíço Knecht, que percorreu os 270 quilómetros do traçado em 7 horas, 24 minutos e 28 segundos, seguido do belga Kint, a 17 segundos de diferença.

Cada país apresentou 4 concorrentes, excepto a Inglaterra 2, e a Austria 1.

Os ingleses, tendo chocado entre si, abandonaram na 4.ª volta. Daí em diante formaram-se dois grupos, de testa e cauda, com os ciclistas restantes.

O italiano Ricci, um dos favoritos, ficou em 4.º lugar, a 1 minuto e 46 segundos do vencedor.

O campeonato para amadores, 189 quilómetros, foi conquistado pelo ciclista francês Henry Aubry, em 5 horas, 12 minutos e 14 segundos seguidos do fundista suíço Ernest Stettler, a um comprimento e meio de intervalo.

NATAÇÃO

O Torneio Internacional de Paris

NA piscina de Tourelles celebrou-se um campeonato internacional, que teve grande brilho. O sueco Perolop ganhou a corrida de 50 metros (estilo livre) em 25,1 segundos, à frente de Alex Jany (25,8 segundos) e do havaiano Olo Hirose (26,5 segundos).

Nos 100 metros (livres) Olhson venceu Jany por um décimo de segundo, cobrindo a distância em 58,7 segundos. Em terceiro lugar ficou Hirose (59,8 segundos).

Na prova de 200 metros (brucos) ficou vitorioso o egípcio Kandy, em 2 m. 58,7 segundos, seguido do francês Lucien (3 m. 1,9 segundos).

Em 800 metros, estafetas, a equipa francesa ganhou com 9 m. 34,8 segundos, dominando os suecos.

Num desafio de b. la aquática, a França bateu a Suíça por 6 tentos a 1.

A travessia do Canal da Mancha

ONADADOR chileno Jorge Berroeta, que se havia lançado à água pela 1 hora e meia da madrugada do dia 25. p. p., partindo do cabo Gris Nez (França) para ten-

NOTA DA SEMANA

OS jogadores argentinos de futebol tomaram recentemente uma decisão a todos os títulos acerada e de largo alcance: constituíram um sindicato profissional, idêntico aos que outros trabalhadores já haviam estabelecido para defesa dos seus legítimos interesses.

A presidência do novo organismo será ocupada por Fernando Bello, guarda-redes do clube buenarense El Independiente, figura de grande prestígio social e grande classe no posto que ocupa.

O sindicato denomina-se «Sociedade dos Futebolistas Argentinos Unidos» e compreende muitos jogadores pertencentes aos 34 clubes da Liga Argentina (16 na primeira Divisão e 18 na segunda), mas não empreendeu ainda qualquer estudo acerca dos problemas fundamentais que interessam aos seus membros, como seja o dos vencimentos dos jogadores.

Presentemente, o salário médio de um futebolista profissional orça por 300 pesos mensais (cerca de 1.800 escudos), além das gratificações que recebem dos clubes, por cada jogo ganho e cada tento marcado nos desajos.

Um dos objectivos morais do sindicato consiste no estreitamento de boas relações de amizade e estima entre os seus sócios, para conseguir eliminar nos terrenos as constantes cenas de pancadaria e deslealdades que se tornaram proterbiais e endêmicas na Argentina.

Citando, resumidamente, o acontecimento, achamos oportuno dar-lhe todo o relevo que merece. Em Portugal, os desportistas que vivem da prática de uma modalidade qualquer, necessitam de organizar-se, para defesa dos seus interesses profissionais, dentro do sistema corporativo vigente.

Mal se compreende, por exemplo, que não tenham as mesmas regalias e direitos que os barbeiros, os criados de mesa, etc.

O sindicato dos desportistas profissionais portugueses resolveria, estamos seguros disso, problemas e dificuldades que têm tido soluções inadequadas dentro do sistema presente.

R.

ar a travessia do Canal da Mancha, foi obrigado a desistir por motivo do mau tempo e da força das correntes, após 8 horas de permanência dentro de água e quando se achava apenas a 800 metros do molhe do Almirantado de Dover (Inglaterra).

Berroeta, que estudara conscienciosamente o projecto da sua tentativa, teria batido todos os recordes da travessia caso houvesse posto pé em terra.

e 47,6 segundos, o primeiro recordista, seguindo-se-lhe Fernando Meiers, Malsiner, Soalhat, Campbell-Wood, Henry Deloge, Mickler, Arnaud, etc.

Em 24 de maio de 1941, o famoso e malgrado corredor Rudolf Harbig, de nacionalidade alemã, morto no campo de batalha em defesa da bandeira do seu país, estabeleceu o tempo de 2 m. 51,5 s., na cidade de Dresde, melhorando os 2 m. 23,6 s. de Jules Ladoumègue.

ATLETISMO

Um novo recorde do quilómetro

NOTICIARAM as agências telegráficas que o magnífico corredor sueco Rune Gustafsson estabeleceu, no dia 5 do corrente, um novo recorde pedestre do quilómetro, que percorreu em 2 minutos e 21,5 segundos.

Este tempo melhora o anterior de um décimo de segundo e constituiu um altíssimo feito atlético, caso venha a homologar-se oficialmente.

A conquista dos máximos dos 1.000 metros principiou em 1891, no campo de Croix-Catelan (Paris). Foi Pierre Merlin, em 2 minutos

Ainda Sydney Wooderson

O pequeno ajudante de notário e célebre corredor inglês Sydney Wooderson, campeão da Europa da légua, despediu-se do público da sua pátria tentando bater o recorde das 2 milhas.

Falhou. Talvez que, além da distensão muscular sofrida no tendão de Aquiles, a fadiga mental e física provocada pelo esforço do Campeonato europeu tenha contribuído igualmente para o fracasso. Em todo o caso, é um grande desportista e atleta que desaparece da actividade. Wooderson percorreu as duas milhas (3.218 metros) em 9 m. 12,8 s. ficando a 30 segundos do recorde mundial de Gundar Haag.

Vai introduzir-se esta época, em Espanha, a aposta mútua — como é de uso nas corridas de cavalos. Foi nomeado, para o efeito, director do Patronato de Apostas Mútuas Desportivas Benéficas o nosso conhecido Garcia Duran, que já ocupou a presidência da Federação Espanhola.

Ainda há pouco tempo se fez, em Portugal, com relativo êxito, uma tentativa do género, durante a Volta a Portugal. Talvez que desse resultado entre nós, no futebol...

A época de futebol apresenta-se sobrecarregada de encontros. Nada menos de seis. O nosso primeiro desafio disputa-se contra a Suíça, a 12 de Janeiro, em Lisboa. A última vez que defrontámos os suíços foi em Bâle e perdemos por 1-0, desafortunadamente. Veremos se a fortuna nos bafeja desta vez...

Seguir-se-á a 26 de Janeiro, em Lisboa, o jogo contra a Espanha, a batalha que ardemos em desejos de ganhar.

Depois haverá o descanso de dois meses. Em Março, a 23, disputaremos em Paris o jogo contra a forte e homogênea equipa francesa. E aqui está um dos mais difíceis encontros da presente temporada!

Teremos um fim de época intenso: em 4 de Maio, em Dublin, devolveremos a visita dos irlandeses; em 25 de Maio, em Lisboa, jogo contra a Inglaterra, de transcendência que é escusado acentuar. Em 15 de Junho, em Lisboa, contra a Suécia, nas grandes festas cidadinas, fecharmos a época. Os suecos são considerados actualmente como dos mais fortes jogadores do mundo, e já antes da Guerra estavam muito conceituados. O calendário internacional é de respeito, e nem nos lembra de uma época tão sobrecarregada!

A Federação Portuguesa de Futebol, em circular, estabeleceu as datas de início dos diferentes campeonatos. Esta maneira de proceder dá, ao menos, a ideia de casa bem arrumada.

Queixam-se-nos os dirigentes e os treinadores da forma como os árbitros actuam entre nós. Em Espanha, o caso da arbitragem é também considerado o grande problema, e para mais insolúvel. A principal acusação que se faz é a seguinte:

«O árbitro deixa à solta o jogador que vai para o campo só para magoar e molestar o adversário, e persegue inexoravelmente aquele que lealmente joga com o corpo».

Se os árbitros retiverem na memória esta acusação, está dado um grande passo para a solução do magno problema.

A propósito de árbitros e da sua organização, cumpre-nos dizer que a Espanha vai regressar ao processo da divisão dos árbitros por categorias. Uma categoria única não é estimulante e permite mais facilmente desacertar. Deve seguir-se o mesmo caminho em Portugal, mais dia menos dia.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

MANTENHAM-SE OS REGIONAIS!

EM VEZ DE SE SUPRIMIR os Campeonatos Distritais dê-se-lhes ainda mais vida

EM contacto com a Província, tem-se uma ideia diferente do futebol português. Aqui, em Lisboa, fechados em Torre de Marfim, julga-se que o Mundo se roja a nossos pés; que só nós pensamos e sabemos o que queremos. Afinal, verifica-se, em contacto com a Província, que os seus dirigentes sabem o que querem e para onde caminham. Engano-se quem os julga desentons, alheios ao estudo ou sem bases. Estamos longe de aqueles tempos em que as Associações Distritais se faziam ouvir nos Congressos sob representação de indivíduos incondicionalmente adeptos dos grandes clubes lisboetas, e que depunham na urna um voto verde ou vermelho conforme seu partidarismo.

Quer isto dizer que, ao fazer-se uma regulamentação, também é preciso auscultar e sentir o futebol da Província; ver como ele reage e quais são as suas aspirações, separando, claro está, o trigo do jolo. Que temos razão e estamos no bom caminho, ver-se-á em próximo Congresso. Lá aparecerão vozes e opiniões que não se deixarão facilmente dominar por aqueles que, com ou sem razão, estavam acostumados a dominar. O ambiente lisboeta já não intimidará!

Um dos assuntos que está na ordem do dia é o dos campeonatos regionais. Nós somos daqueles que, em princípio, neste tribuna, volámos pela sua eliminação. Julgávamo-los um peso morto, sem vantagens e com muitos contras. Não vale a pena enumerar as razões. Porque não copiar e adoptar o figurino espanhol — tão eliciente, dizíamos.

Mas a verdade é que, mesmo em Espanha, começa a surgir uma corrente favorável ao restabelecimento dos referidos campeonatos regionais. Luis Passarin, o seleccionador que optou pelo cargo remunerado de treinador do Valência, não esconde que, em seu entender, a falta dos Regionais em Espanha, embora não interessando estes torneios aos Grandes Clubes, é o mal, por não haver estímulo para os clubes mais modestos e por tal orientação não fornecer o aparecimento de valores; no fundo, a causa do abaixamento de classe do futebol espanhol.

Ouvir os dirigentes das Províncias é ler-se claramente a impressão de que se erra, ao pretender eliminar-se os Campeonatos Regionais. É muito fácil, em meio dúzia de linhas nos jornais, ou numa penada regulamentar, decretar a sua morte. Mas as reformas, quaisquer que sejam, devem ser executadas tendo em conta as realidades, e mal vai quando se procede de outra maneira. Para que serve, então, o torneio do distrito? — dizem. Se se argumentar dizendo que, no passado, já sucedeu isso e os campeonatos não morreram, eles contrapõem que os tempos são outros e que o fim-compelição domina tudo. É preciso haver um interesse, uma razão de vida para os Campeonatos. Sentimos, na verdade, que lhes assiste razão.

Por isso resolvemos fazer este apelo aos dirigentes portugueses no sentido de que, ao contrário do que pretende uma corrente leórica, em vez de se suprimir os Campeonatos Regionais, se lhes dê ainda mais vida. Pense-se que a organização tinha lógica e era perfeita. Os Campeonatos Regionais eram o degrau por onde se subia para o Nacional, havendo entre as compelições portuguesas natural e lógica interdependência. Tirar-lhes essa função de apuramento é arrancar-lhes a vida.

As qualidades que deve ter o Seleccionador Nacional

Segundo o crítico espanhol Gilera, actualmente director do diário desportivo *Marca*, a pessoa que ocupar o cargo de Seleccionador deverá reunir as seguintes qualidades:

O Seleccionador Nacional tem que ser um homem de critério firme, conhecedor do futebol, claro está, desde os melhores tempos; quer dizer, com *solera*, que tenha um temperamento especial, serenidade suficiente para des-

prender-se de todo o juízo alheio e especialmente de toda a crítica; um espírito agudíssimo para penetrar no mais recôndito que tenha o futebol...

Isto diz Gilera, com boa visão, no momento em que se procura no vizinho país um homem para o lugar, e em que se fala nos seguintes nomes: Pablo Hernandez Coronado, Ricardo Zamora, Félix Quesada, Eduardo Teus e Pedro Escartín.

Corre que...

Alguns dos Grandes Clubes dispensaram muito tarde os seus jogadores, criando a estes uma posição embaraçosa. O prazo para o pedido de transferência estava a findar, e eles não tiveram tempo para abrir e fechar os olhos...

❖ Diz-se que no Sporting há uma quantidade relativamente elevada de novos jogadores, e que o treinador inglês está contente com os seus pupilos.

❖ O Seleccionador Nacional tratará com a Comissão Administrativa da Federação, no próximo dia 19, de assuntos referentes à sua missão.

❖ O jogador e treinador Petrak está no Beira-Mar, mas não jogará. Um mal-entendido da direcção do Estoril Praia criou uma situação desagradável ao conhecido jogador jugoslavo.

❖ Uma comissão constituída pelos srs. eng. Mascarenhas de Meneses, Raul Vieira e major Ribeiro dos Reis está a estudar e vai estabelecer e propor a futura mecânica do futebol português.

❖ O guarda-redes Manuel Capela foi o último jogador do Belenenses a assinar a ficha, mas já está a treinar activamente. Jogou, mesmo, em Estarreja, no passado domingo.

❖ Há um jogador em S. João da Madeira de quem dizem maravilhas. Pelo menos, os clubes ofereceram pela sua transferência verbas astronómicas. As vezes perde-se a cabeça...

Há resposta para tudo...

P. 432—Qual o melhor guarda-redes da última temporada do Nacional, em melhor forma: Capela ou Martins? (De A. R. da S., Porto).

R. 432—Em síntese, o que o senhor pretende saber é qual dos dois guarda-redes, presentemente, é melhor. Martins, mais experiente; Capela, mais novo e com possibilidades de progredir. Escolhemos Capela.

P. 433—Sempre será verdade que Azevedo se retira?

P. 434—Nessa hipótese, não fará falta ao Grupo Nacional? (Um leão de Abrantes).

R. 433—Sossegue. Como João de Azevedo não se retira...

R. 434—Não faz falta ao futebol.

GASPAR Pinto deixou o futebol!

NO domingo, no Campo do Benfica, houve festa simpática, com sua pontinha de justificada emoção. Gaspar Pinto, um nome do Benfica e do futebol nacional, que jogou mais de 400 desafios, que foi 18 vezes chamado à selecção nacional e 16 à selecção de Lisboa, abandonou o futebol. Foi mais uma baixa no grupo aguerrido do popular clube. Havia chegado a hora de substituição. O jogador compreendeu melhor do que ninguém esse momento. Sentiu, de lágrimas nos olhos, que tinha de passar por este acontecimento.

As ovações, o seu nome gritado pela massa enorme formada pelos sócios do seu clube, iam dar-lhe uma alegria estranha, uma sensação como nunca sentira — bem diferentes daqueles tempos que premiam os seus grandes momentos de jogo. Vibrantes, sim, mas de um eco abafado que fica a pairar, num sussurro, por muito tempo — a saudade.

Foi um jogador que soube formar-se de uma qualidade técnica, onde havia virtuosismos e uma habilidade inconfundível.

— Mais um ídolo que desaparece!

Falamos-lhe assim, momentos depois de ter saído do campo, em grande ovação, toda a assistência de pé vitorlando-o.

— Isto custa mu to, creia. Nunca julguei ficar tão abalado. E então os últimos cinquenta metros em frente à rapaziada do Benfica.

— Sai satisfeito com a sua acção no Benfica?

— Com a consciência tranquila. E tanto assim que nesta hora desejo que todos cumpram como eu cumpri dentro do Benfica.

Fui o último dos que viveram comigo os tempos antigos do Benfica. Há-de custar-me muito esta separação. Vou viver os domingos mais aborrecidos da minha vida.

Gaspar Pinto despira a camisola encarnada e teve esta exclamação para Valadas, que estava ali a acompanhá-lo:

— O' Valadas já nunca mais a visto!

E o jogador enérgico dos campos da bola, depôs com extremo cuidado, com um gesto de ternura, aquele bocado de tecido rubro que com ele andou cerca de 14 anos ajudando o a conquistar a posição de relevo, a viver a glória de uma vida desportiva que abandona cheinho de saudades.

E' mais um elemento para a turma da Saudade. Lá estão outros que como ele ajudaram a erguer o Benfica, construindo a base da glória que hoje vive.

O Gaspar Pinto deixa ficar um nome, no Benfica e no futebol nacional. Foi dos que muito ajudou a brilhar a chama do benfiquismo.

— O destino foi implodoso para mim quando ainda me sentia com forças para continuar ao serviço do meu querido clube.

Nunca senti tão profunda emção. Agora é que eu reconheço o orgulho de se ser do Benfica — disse-nos.

A festa de domingo impressionou-o.

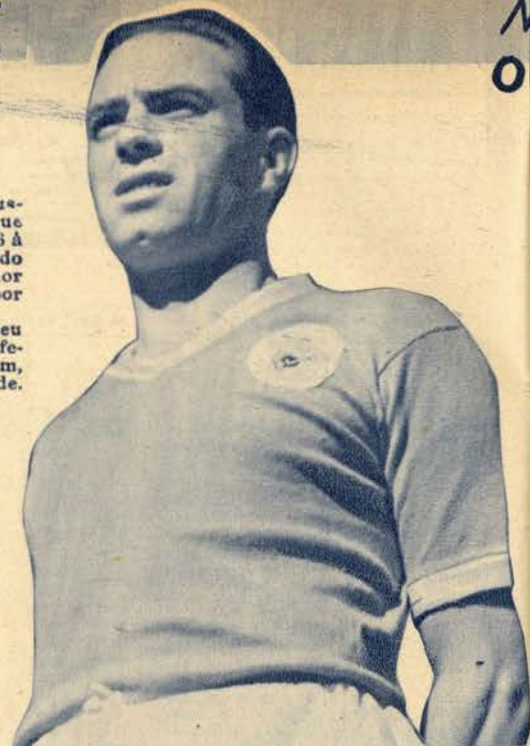
— Devemos-te muitas vitórias, conquistadas em lances de génio, sob o impulso dos teus grandes recursos de jogador excepcional. Não esqueceremos as tardes de glórias que nos proporcionaste, enchendo o campo com a tua presença, com a tua alma de lutador — disseram-lhe.

Gaspar Pinto, rodeado dos seus companheiros do equipa, o mesmo corpo franzino, ouviu aquelas palavras que o hão-de acompanhar na recordação da sua vida desportiva.

E foi sincero quando ao acabar de proferir as suas palavras de despedida disse, com voz trémula:

— Deixo o futebol mas continuo a ser do Benfica. Viva o Benfica e todos os clubes desportivos do país!

Terminara ali, naquele momento, a jornada gloriosa de um desportista, que gozou de justa fama. Era dos que delirava quando tinha a bola nos pés, este Gaspar Pinto que fica na história do futebol como um dos seus grandes nomes.



Um dos últimos pontapés de Gaspar Pinto



F. 3

A despedida



A NOVA ÉPOCA DE FUTEBOL 1.º encontro BENFICA-OLHANENSE



Os avançados algarvios e benfiquistas em rija disputa da bola



Uma boa cabeça algarvia...



Abrado salvou o lance



Energia! Ei-la que chegou aos campos da bola

BENFICA e Olhanense encontraram-se pela primeira vez nesta época, agora no seu início. São dois «teams» aguerridos, capazes de animarem extraordinariamente uma tarde de futebol — não domingo último, que o jogo não era de campeonato e os pés tem andado arredios do futebol de competição.

No entanto o jogo despertou curiosidade tanto mais que os olhos ávidos dos adeptos da bola estavam desejosos de vêr novidades. Viram pouco. O Benfica apresentou um grupo que não deve ser a verdade da época. De especial dois elementos o já conhecido Melão, o producto africano que há tempo vem sendo submetido a várias experiências e Corona também avançado. Qualquet deles deixou dúvidas. Melão teve alguns lances de boa visão e Corona pôde ser apreciado em oportunos endossos a Rogério. Um outro elemento Machado, o guarda-redes que é uma esperança dos encarnados, teve um comportamento aceitável no segundo tempo — aquele em que actuou.

Dos antigos, Espírito Santo, que nos pareceu em boa forma e Rogério, com chute potente. Mas foi Moreira quem melhor se apresentou no terreno. Enfim um conjunto que não destoou neste jogo de festa e em principio de época.

O olhanense mantém as suas características. O treino no defeso insidiu por certo nos moldes do jogo em que a equipa dos algarvios tem aparecido — aliás aquele que melhor se ajusta ao seu temperamento.

Tambem tiveram nomes a destacar. Cabrite, João da Palma, Grazina e o seu guarda-rede Abraão.

A primeira parte do jogo foi fraca, sem ponta de emoção, a não ser o momento em que se realizou a substituição de Gaspar Pinto, cedendo o seu lugar a Cerqueira.

Ainda houve uns lances perigosos dos algarvios às rédes de Martins.

A segunda parte animou um pouco mais. O Benfica integrou-se num jogo de mais vivacidade e chegou o primeiro «goal» executado com calma e inteligência por Rogério. Depois, foi Júlio com uma cabeça vistosa que enfiou o esférico nas rédes e o terceiro tento foi novamente feito por Rogério, um bom e casteiro pontapé.

E nada mais a assinalar neste jogo caracterizado por um sentido de camaradagem, festa de honra a quem que muito serviu o Benfica. Antes deste jogo o Futebol Benfica e o Atlético Clube de Almada disputaram um encontro. Partida animada dentro das características dos dois grupos, com as novidades de alguns novos elementos especialmente no Almada, sintoma de que os clubes de segundo plano estão animados dos melhores projectos de progresso.

Corridas em patins

QUASE todos os anos se têm destronado recordes nos campeonatos do sul de corridas em patins; e até nos nacionais. Parece ser pecha já antiga... Mas agora, então, foi batido o recorde dos recordes! Em 21 provas, nas três classes, melhoraram-se 14 tempos e marcas — e ainda se igualaram mais dois! Acrescenta-se que quatro 2.^{as} classificadas e dois 3.^{as} também fizeram melhor do que os recordistas destronados! Isto é o reflexo, evidentemente, de trabalho útil e progressivo, apesar de prevalecer (e por quanto tempo ainda?) a supremacia dos especialistas benfiquenses. Os outros clubes praticantes da modalidade — referimo-nos ao hoquel patinado — continuam a manifestar, aparte o Cascais, e, por vezes, o Alenque, um desinteresse quase soberano, quicá absoluto! De aí, logicamente, prevalecer o reinado do Benfica — com pista própria e atletas brisquos que lutam por que a sua superioridade não se desvanença. Os resultados estão bem patentes...

Nos campeonatos de corridas em patins de 1946 repeliu-se o que há longos anos se verifica! Por outra: ultrapassou-se o nível geral na questão de conquistas de recordes. É o Benfica — sem culpa de estar quase isolado... — permaneceu invicto! Os seus atletas manifestaram uma superioridade esmagadora e muito apreciáveis aperfeiçoamentos técnicos. Mas nem sequer este constante incremento ao trabalho resulta profícuo — porque os outros não aparecem a compêlir, como seria por desejar, deixando campo aberto a um estado de coisas que pode — sabe-se lá! — vir a ser prejudicial à modalidade.

Os novos recordistas — alguns, a grande maioria, já familiarizados com a conquista de recordes — são: Abílio Reia, Carlos Ventura Ferreira e Joaquim de Oliveira, em seniores; Veldemar Ferreira, Raul Rodrigues, Feliciano Lira e Augusto Albino, em principiantes, José Lisboa, Mário Lopes, Fernando Cruzeiro, José António Carvalho e Feusto Correia, em juniores. De todos eles, é justo, porém, destacar alguns — pela quantidade invulgar de títulos e de recordes conquistados. Vejamos, por exemplo, os «casos» de Abílio Reia (6 campeonatos e igual número de recordes nas nove provas da sua categoria: seniores), de Joaquim Oliveira (6 títulos e 4 recordes) de Carlos Ventura (5 títulos e 4 recordes), de Raul Rodrigues (5 títulos e 3 recordes nas seis provas da sua categoria: principiantes), de Veldemar Ferreira (4 títulos e igual número de recordes), de José Lisboa (4 títulos e igual número de recordes nas seis provas da sua categoria: juniores) e de Fernando Cruzeiro (3 títulos e 2 recordes).

Bastaria esta simples indicação de números para justificar a certeza de que todos estes atletas são campeões de verdade. Que trabalhem. E progredam. Certamente com vontade de proseguirem — afirmando-se desde logo dignos sucessores de Leonel Costa, José Prazeres, Rogério Miguelis, Lobo Antunes, Rui de Montargil, Germano de Magalhães, Tavares Pina, Ventura Ferreira e outros, campeões do passado e do presente. Mas é preciso não esquecer — porque em verdade o merecem — os esforçados cascaenses

Santos Machado, Príncipe de Cunha e Jorge Ramos e o atlesta Augusto Ricardo: únicos adversários dos atletas do Benfica nos últimos campeonatos.

Para complemento e remate aollem-se as diferenças — algumas quase insignificantes — entre os tempos anteriores e os recordes actuais. Assim: em seniores — nos 300 metros (três atletas com menos de 39 s. 2/10) melhorou-se 1 s. 3/10; nos 500 metros 3/10; nos 1000 metros 1/10; nos 3x200 metros 1 s. 3/10; nos 3x500 metros 1 s. 8/10; nos 3x1000 metros 8 s. 7/10; e, finalmente, na «americana», correram-se mais 195 metros. Nas outras categorias: em principiantes — 300 metros (menos 7/10), 3x200 metros (um segundo), 3x500 metros (7 s. 8/10) e «americana» (mais 25 metros); em juniores — 300 metros (menos 1 s. 5/10), 500 metros (5/10) e 3x300 metros (1 s. 1/10). Os recordes mais antigos datavam de 1942 (300, 500 e 3x300 metros: juniores) e de 1943 (3x1000 metros: seniores). Ficam de pé, ainda, três recordes «antigos» de quatro anos: 5000 metros (seniores) — talvez o mais difícil de destronar; 3x100 metros e «americana» (juniores) — o último ligeleto agora.

Jorge Monteiro

HIPISMO

O Concurso de Mafra

OS Concursos Hípicos em Portugal são muito poucos, infelizmente, e os que há devem ser bem aproveitados, para que se mantenham em forma cavaleiros e cavalos, sem o que não será possível continuar a assinalar-se o elevado grau de prestígio conseguido, quer no país quer no estrangeiro, pelos nossos magníficos concursistas.

Há que os aproveitar todos, um a um, visto que eles constituem o melhor e mais proveitoso treino, principalmente quando atingem um êxito como o que acaba de realizar-se em Mafra, numa modelar organização do Depósito de Remonta, à qual não fazemos nem devemos deixar de fazer referência.

Não tenhamos dúvidas. O VII Concurso Hípico Oficial de Mafra, que marcou como competição desportiva do maior interesse, serviu magnificamente de proveitosíssimo treino aos nossos cavaleiros, que nele revelaram uma melhoria de forma resultante dos certames já efectuados em Lisboa e Porto.

Quem assistiu às primeiras provas de Lisboa e acompanhou todo o Concurso de Mafra, verificou que determinados conjuntos, além de revelarem um maior entendimento, uma melhor ligação, se apresentaram agora com evidente confiança.

Mostremos como exemplo frisante o conjunto formado pelo capitão Carvalhosa e pelo irlandês «Zuari». Enquanto que em Lisboa, principalmente nos primeiros dias, se verificou a falta de confiança do cavaleiro, não por qualquer dúvida acerca da classe do cavalo, mas devido ao pouco treino havido e à necessária mudança de

(Continuação da página 2)

Santos, arrancando um honroso segundo lugar, em 6 m. 01,8 s.

E Vasco de Abreu, terceiro nos 200 metros-livres, em 2 m. 51 s., adiantou-se a alguns lisboetas de nomeada, como Francisco Salgado e Carlos Azevedo Júlio.

A nota sensacional deu-a, porém, João Eduardo Pereira Bastos, com dois excelentes triunfos em 400 e 1:500 metros-livres. Como é natural, foi na prova de 1:500 metros-livres que mais se ressentiu da baixa temperatura da água, e assim, a marca obtida — 23 m. 41,4 s. — ficou muito aquém das suas reais possibilidades. Foi, no entanto, a figura mais em evidência nesta jornada do Luso. Regular, com duas vitórias nas provas da sua especialidade, e um segundo posto nos 100 metros-costas, Pereira Bastos foi bem o representante da moderna geração, a quem foi dada oportunidade de realçar para o Algés e Dafundo a tradição perdida.

Artur Mendes Silva correu dentro das suas possibilidades actuais — conquistando o título dos 200 metros-brucos com autoridade absoluta. Silve Marques baixou consideravelmente em relação aos cregionais.

Natação

Mário Simas conquistou melhor número de títulos individuais — três — e participou, ainda, na estafeta de 4x200 metros-livres. «Tempos» vulgares; os suficientes, no entanto, para ganhar, à vontade, sem discussões. A marca dos 100 metros-costas, sobretudo, fica e destoa um pouco, no quadro geral dos resultados dos nacionais, obtidos nos diversos anos.

O único recorde batido deve-se a um principiante — Guilherme Patróni — no decorrer da prova complementar de 100 metros-livres. Mesmo sem adversário à ilharga, Patróni obteve 1 m. 03,1 s., num tempo de 50 metros. E, no entanto, Patróni, «internacional» de 1945, não pôde correr nos nacionais. Este é um ponto, suponemos, da legislação actual, que deveria merecer, de quem de direito, cuidadoso estudo.

Em resumo: os nacionais de 1946 não ofereceram resultados de sensação. E como tal passarão à história...

XADREZ

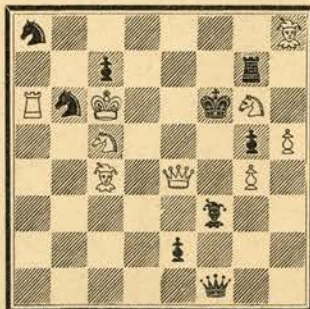
A Associação de Problemistas Holandeses, com os seus quatrocentos associados e uma vintena de compositores de categoria internacional, é das mais interessantes e progressivas agremiações da especialidade. F. W. Nanning é a «alma» da associação — um infatigável secretário e orientador capaçíssimo. J. J. P. A. Seilberger, A. M. Koldijk e J. J. Rietvelt, entre outros, cooperam entusiasticamente na grande obra de ressurgimento do Xadrez holandês.

Recentemente publicaram um interessantíssimo Boletim — Jaarboek 1945 — autêntica condensação da actividade problemística na Holanda, compreendendo a inserção de inúmeros problemas, artigos técnicos, convocações, estado de contas, etc.

O problema que hoje publicamos, composto por dois dos primeiros compositores holandeses, foi tirado do livrete, onde ilustrava um artigo sobre o tema Larsen.

Seilberger e Nanning

«Jaarboek-1945»



Antas Teixeira

2 X

PREPARAR A EQUIPA PARA 1947

é a única conclusão que importa reter da lição de 1946

PROMETEMOS que encerraremos a série das nossas crónicas sobre o Portugal-Espanha de Barcelona, expondo um critério pessoal sobre a forma de preparar a equipa nacional para o encontro do ano próximo, com o objectivo de lhe assegurar o máximo do rendimento para a conquista de uma vitória, que se nos afigura muito difícil, mas indispensável de conquistar.

O primeiro cuidado deve ser elaborar com grande antecedência o programa das duas jornadas, considerando as conveniências já de antemão conhecidas dos prováveis representantes portugueses; os espanhóis sugeriram em Barcelona que o programa fosse estabelecido de comum acordo entre as duas federações e com validade para dois encontros consecutivos, o que não traz nenhum inconveniente, antes vantagens, desde que sejam devidamente acautelados os interesses daqueles dos nossos atletas que seguramente terão de duplicar a sua presença: corredores de fundo e velocidade prolongada, Matos Fernandes, etc.

Depois de essente esta importante base, há que não esquecer o procedimento espanhol de este ano no capítulo de constituição do júri; o de 1947 será integralmente constituído por técnicos portugueses e na pista apenas se consentirá a presença da dois delegados da equipa adversária, esses mesmos sem funções oficiais activas e desempenhando apenas a missão de assistência aos seus atletas.

Ainda no capítulo técnico, tere-

mos que preparar um juiz de partida, severo e sem temor das responsabilidades (Afonso Salcedo deixou-me a melhor impressão nos campeonatos corporativos) e munido de uma pistola regulamentar, que não seja o brinquedo para crianças habitualmente usado em Portugal. Este juiz de partida deve desempenhar as suas funções em todos os concursos oficiais da época e actuar também nos treinos de preparação da equipa.

Ao constituir a selecção, é necessário ter presente que a prática mostrou ser impossível conseguir o máximo rendimento de um atleta em mais de uma prova em cada jornada e só em casos excepcionais esse rendimento máximo se verifica em duas provas nas jornadas consecutivas. Em Barcelona só Afonso Marques deu plena satisfação nas duas corridas em que participou.

A escolha e a preparação

A constituição da equipa nacional de 1946 foi confiada ao conselho técnico federativo, que agiu tomando como base os resultados dos regionais e dos nacionais; a preparação dos atletas não foi sujeita a nenhuma fiscalização, entregue à responsabilidade exclusiva dos respectivos orientadores clubistas.

Para 1947 parece-nos que nenhum dos sistemas deve ser mantido: radicalmente modificado o primeiro, alterado nas linhas gerais o segundo.

A escolha dos elementos representativos deve depender de uma única pessoa — como sucede em Espanha — a quem se faculte inteira liberdade de acção com completa responsabilidade de procedimento

Compete à direcção da Federação indicar essa personalidade, a mais competente e idónea, escolhida sem reservas e antes do encerramento do período de desfoço, a fim de lhe ser possível estabelecer um plano de acção e assistência que abranja o período de Inverno, importantíssimo para preparar a condição física e o aperfeiçoamento técnico dos atletas.

O seleccionador nacional deverá contar com a colaboração imediata de um professor de ginástica, de preferência especializado na ginástica pré-desportiva, a quem sejam entregues desde Dezembro ou Janeiro todos aqueles homens que o seleccionador considere possíveis internacionais.

Serlham estes submetidos a um regime de lições de educação física apropriada bi-semanais, com obrigatoriedade de comparência e punições severas para os que não cumprissem com as normas determinadas.

O treino de cada atleta continuar a ser dirigido pelo seu orientador habitual, mas o seleccionador ficará com direito de fiscalização e interferência em caso de discórdância; aquela exercer-se-lhe também quando succeder o caso frequente de inscrição do atleta em provas antagonicas da sua especialidade, apenas por exigência das conveniências clubistas de conquista dos malvidos pontos nas classificações colectivas.

Desde o início do trabalho em pista, Fevereiro ou Março, o seleccionador reunirá uma vez por semana, sob suas vistas, todos os elementos prováveis, acompanhados pelos respectivos orientadores técnicos, fomentando o espírito de camaradagem entre os primeiros e recolhendo dos segundos as informações relativas à evolução da forma e às regras de treino seguidas.

Em certas especialidades, nomeadamente os lançamentos, é indispensável chamar cedo uns tantos novos com provadas aptidões, procurando aperfeiçoá-los e estimular-lhes o interesse, averiguado como está que os actuais especialistas — com evidentes excepções — já não são susceptíveis de progressos.

Estes nos parecem ser, na generalidade, as normas mais apropriadas para a plena eficiência da nossa próxima selecção atlética, aproveitando construtivamente os ensinamentos da desagradável lição de época em curso. Ganha-se mais apresentando assim os factos e trabalhando para o futuro do que entrevistando atletas sem consciência ou reclamando cozinheiros que não teriam tido que cozinhar.

Salazar Correia

Comentarios

Oslo esperava os portugueses

REALIZARAM-SE os campeonatos europeus de atletismo, foi oferecida a Portugal a deslocação gratuita de um representante, mas nenhum português compareceu na grande competição.

Assim apresentado, o problema parece paradoxal, sobretudo sabendo-se que temos elementos com valor suficiente para terem obtido honrosas classificações.

O professor Fernando Ferreira, que presenciou os campeonatos, demonstrou em bem fundamentados artigos que Alvaro Dias, Luis Alcide e Matos Fernandes eram finalistas seguros nas provas de sua especialidade, com prováveis classificações no quarto ou quinto lugares.

Não se referiu a Tomás Paquete, provavelmente pelo mesmo motivo que nos apresenta impossível a sua presença em Oslo — isto apesar da campanha insistente feita em seu favor; é preciso não esquecer que os campeonatos eram europeus, portanto reservados a atletas de origem europeia e não de nacionalidade europeia.

A Federação de Atletismo, que recebeu o convite e lhe não deu seguimento, tem sido alvo de justificadas censuras da critica,

sem por isso se apartar do mais olimpico silêncio. Ora, dentro da mais elementar lógica, é forçado pensar que deve ter havido alguma razão superior impeditiva para que os dirigentes federativos não aproveitassem o benefício que lhes oferecia.

Várias são as hipóteses admissíveis; uma só se não pode considerar, a da incuria, que, no entanto, o estranho silêncio do organismo superior da modalidade deixa em aberto no espirito publico.

Quando se desempenham funções de interesse colectivo, a exploração pública de certos actos e atitudes é um imprescindível dever moral.

Uma obra que é um exemplo

OS campeonatos de atletismo dos trabalhadores portugueses, organizados em dois escalões — distritais e nacionais — pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, apresentam um esforço construtivo que muito interessa apontar, como exemplo, no aspecto de propaganda geral da modalidade.

Por um lado, verifica-se a existência de uma população

praticante independente numericamente considerável e da qual se destacam já elementos de valor apreciável; não poderemos esquecer que os clubes vieram buscar, até, às hostes da FNAT alguns dos seus produtos, que, depois, se distinguiram, sem outra preparação, nas competições federais.

O outro aspecto da obra do desporto corporativo, que muito importa focar, é o da sua actividade em centros onde o atletismo oficial não conseguiu ainda firmar raízes.

Demonstra-se, com a presença de atletas contumbrados e ebores nos campeonatos nacionais da FNAT, que se celebram domingo próximo no Porto, que o interesse pela prática das corridas, saltos e lançamentos existe latente por toda a parte e basta para seu estímulo a influência de qualquer entidade ou organismo desportivo verdadeiramente a agir.

Os clubes da provincia, aos quais a Federação se poderia dirigir numa circular onde apellesse para o seu espirito de colaboração, tudo lucrarían e prestarían excelente serviço ao atletismo português, seguindo o exemplo da organização corporativa e desenvolvendo entre os associados o culto da modalidade.

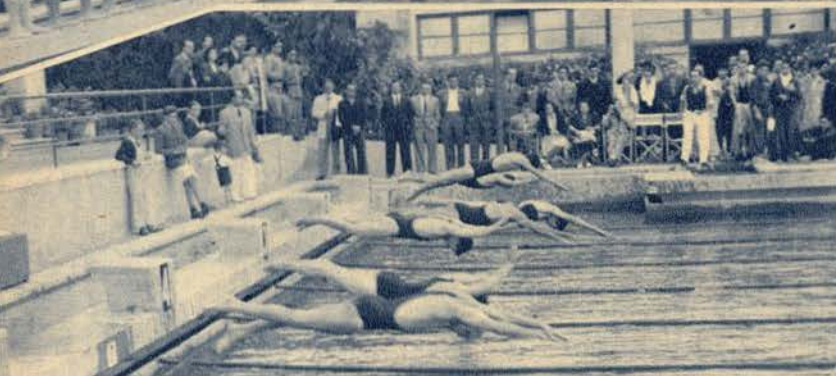
Para valorização do nosso atletismo é indispensável alargar o campo de recrutamento, estabelecendo novos centros de actividade; para as colectividades da provincia, a criação de novas secções de prática desportiva traria precioso derivativo à paixão exclusiva e absorvente do futebol.

O beneficio seria geral e a receita se pode aplicar, prova o a lição da FNAT.

OS CAMPEONATOS Nacionais de natação no Luso



Os concorrentes às provas de natação no Luso, sendo o Sr. Director Geral dos Desportos



Uma largada para os 400 metros, livres



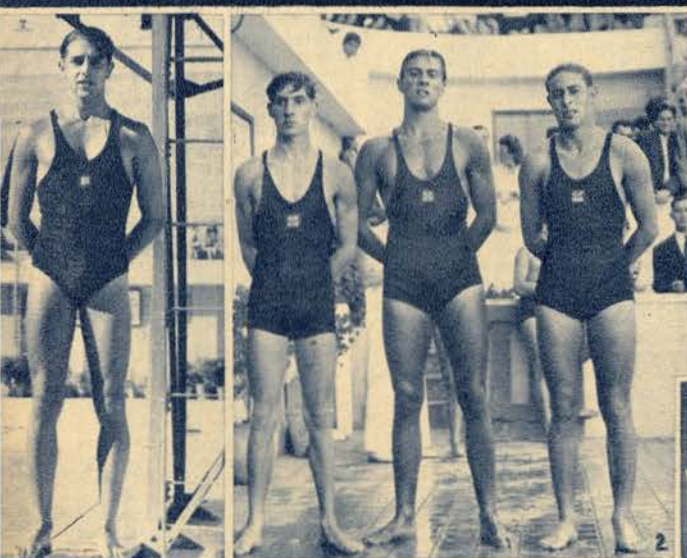
Director Geral dos Desportos e acompanhados de alguns técnicos de natação e júri das provas



Jeremias Simão, Lisboa, 2.º classificado; Mário Simas, Lisboa, vencedor e Vasco Abreu, do Funchal, 3.º classificado nos 200 metros livres, seniores.



A equipa do Funchal. Da esquerda para a direita: José da Silva, Frederico Henriques e Vasco Abreu



OS CAMPEONATOS DE NATAÇÃO DA MOCIDADE PORTUGUESA

- 1 — Os 100 metros bruços, Julio Figueiredo Fonseca, da Beira Litoral, vencedor.
- 2 — Os 3x66, costas, bruços e crawl. Carlos Franco do Vale, Ricardi, Janardo, da provincia da Estremadura.
- 3 — Um aspecto dos concorrentes ao festival de natação da M. P., em Algé



Patrão, Lisboa, vencedor dos 300 metros livres



João Pereira Bastos, vencedor dos 100 metros livres, seniores



SIMÃO da VEIGA

SIMÃO DA VEIGA JÚNIOR, filho do também famoso cavaleiro e pintor, foi homenageado num banquete que reuniu quase uma centena de amigos, admiradores e colegas. E foi merecida a homenagem porque o cavaleiro do Lavre realizou na presente temporada o milagre de rejuvenescer para adoptar a sua arte aos tempos modernos. Não estamos nos tempos do Campo de Santa'Ana nem a tourada pode ter hoje o mesmo ritmo lento, com aquelas longas demoras. O espectáculo tauromáquico, como o teatral e o cinematográfico, tem hoje de ser rápido e trepidante, como a vida moderna. Na época do avião, tem de voar tudo que não quiser ficar por terra e ser olvidado ou aborrecido. Além de que, verificada ainda esta época a grande percentagem de touros mansos, é indispensável que o artista os anime e alegre e obrigue. E é isso que o Simão da Veiga faz, sem aliás esquecer as regras básicas do toureio equestre, ainda que adoptando-as ao império do tempo em que vivemos. Evolucionar ou morrer, é regra também aplicada ao torneio, como se verifica no que a pé se está operando em Espanha.

Talvez que as consecutivas corridas que Simão toureou em Espanha e no México, tenham contribuído para a compreensão desta necessidade. Mas, se não fóra o seu temperamento vibrante e alegre, a sua raça, «gênica», o fenómeno da adaptação seria impossível. Ele, que em Espanha foi o representante do

toureio português frente ao cordovez D. António Cañero, com quem toureou muitas corridas, quando os touros ainda eram grandes, fez mais frente a Alvaro Domecq, e matou como o Jerézano. E agora defende em Portugal a lide de touros desembolados para não ficar em inferioridade ante os «diestros» espanhóis, ainda que os touros sejam para estes mais pequenos e com pontas cortadas. Não concordando, portanto, com a existência de tal inferioridade, não podemos deixar de reconhecer que, da parte de Simão, o desejo revela o seu permanente afam de se melhorar, de não consentir que alguém faça mais do que ele. Têm-no conseguido plenamente, e por isso pode, como «Galito», olhar uma Praça que o ovaciona e levantar o dedo, afirmando:

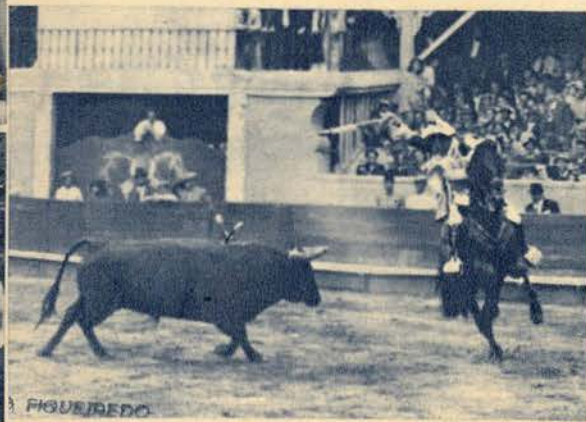
— Sou o primeiro, e ninguém faz mais do que eu!

E, realmente, ninguém em Portugal fez mais do que Simão nesta temporada de 1946, em que lhe não ficou tempo para ir a Espanha, apesar de ter sido ainda recentemente convidado a tomar parte nas corridas de Merced, em Barcelona, onde tão grande «cartel» tem. E um mexicano tão conhecedor das coisas da sua terra como Paco Gorraez escreveu a Simão uma carta que foi lida no banquete e em que lhe afirma que é ali esperado com entusiasmo pois não foram esquecidas as duas triunfais temporadas que ali teve. Por tudo isto, e sobretudo pela apoteótica temporada portuguesa de 1946, escrevemos que foi merecido o banquete oferecido a Simão da Veiga e que constituiu o acontecimento desta semana sem touros em Lisboa, e sem corrida à vista, a não ser que...

EL TERRIBLE PEREZ



Simão da Veiga na corrida à antiga portuguesa com a filha do almirante da esquadra norte-americana, e com os pagens com as «moñas» oferecidas aos líderes



FOTOGRAFIA FIGUEIREDO



FOTO FIGUEIREDO



FOTO FIGUEIREDO



FERNANDO MOREIRA

Chegaram a esta cidade os corredores nortenhos que tomaram parte na XI Volta a Portugal em bicicleta, e os portuenses mais uma vez souberam receber os desportistas que prestigiam a sua terra. Não diremos que não saiba a exógera esta maneira de aplaudir actos mais ou menos esforçados e achamos até natural que nos critiquem pela forma expansiva como as gentes de cá distinguem os seus representantes briosos.

Seja como for, os hábitos do bom povo do Porto continuam inalteráveis, e se houver quem os não compreenda ou aplauda, nem por isso deveremos aconselhar procedimento diferente. Porque não vem mal ao Mundo com estas manifestações de carinho e de simpatia. Fernando Moreira e os seus companheiros, dignos também de boa referência, mantiveram-se em posição distinta no decurso da maior prova velocipédica nacional, e agora só nos cumpre aguardar que compreendam o significado amigo desta homenagem do público e do principal clube da cidade.

Os portuenses, por demais é sabido, sabem aplaudir aqueles que correspondam aos seus anseios de vitória. Demonstraram-no mais uma vez. Demonstrá-lo-ão sempre!

Aniceto Bruno

Falta falar de um homem que se chama José Aniceto Bruno. A «Volta a Portugal» fez a popularidade indiscutível de muita gente, com bicicleta ou sem ela, e poucos se lembraram de José Aniceto. Apenas se disse, com pouco ar de lamento, que o mais velho e possivelmente mais dedicado corredor do F. C. do Porto — «havia desistido lá para baixo, nas terras do Algarve...»

Todavia, mestre Aniceto, como por cá lhe chamam, é bem digno de referência mais ampla. Desde que um dia, há uma boa dúzia de anos, envervou a camisola popu-

Está ameaçado o futuro do ciclismo portuense

segundo uma opinião autorizada

CONCLUIU-SE a XI Volta a Portugal em bicicleta, que desta vez conseguia fazer vibrar os portuenses. Fernando Moreira como os restantes rapazes que representaram o F. C. P., o Salgueiros e o Académico, embora menos em evidência, denunciaram um valor que toda a imprensa portuguesa salientou e, por isso, durante muito tempo não se falou de outra coisa nos centros de esportiva.

Mas... também já se diz, e com certa insistência, que tudo se esfrangalhará muito breve. O valor dos corredores portuenses despertou apetites, ciameira, e para o ano partir-se-á aquela harmonia que tanto agradava aos nortistas, sempre tão ciosos dos seus pergaminhos.

Uma vez mais, agora que a modalidade se prepara para vencer, seremos forçados a cruzar os braços, deixando que outros venham destruir o trabalho de tanto tempo?

Como andava coisa no ar, fomos ouvir alguém com responsabilidades na secção de ciclismo do F. C. do Porto. Confessou-nos que estava alerta, mas desejava manter-se no anonimato... Todavia, podemos garantir, o nosso entrevistado alinha no grapo dos elementos mais bem esclarecidos sobre as questões de ciclismo do campeonato nortenho.

— Conte-me com a actuação dos seus corredores na Volta?

— Sim — o mais possível! De resto, os rapazes não me surpreenderam. Não esqueça que o F. C. do Porto é campeão nacional absoluto em independentes, amadores juniores e amadores seniores...

— Para o ano, então, veremos bons amadores em independentes, não é isso?

— Para o ano... veremos!

— Essa agora?

— Olhe, meu amigo: — não se surpreenda com o que vou dizer-lhe. O F. C. do Porto tanto pode fazer ciclismo como não! Vamos observar o que se passa, que já é bastante, no actual momento. Não pertencço à direcção do clube. A minha missão é outra. Todavia, com o meu parecer...

— Não pode abrir uma pontinha do véu...

— Posso, sim senhor! Porque não? Ai vai: — há corredores do F. C. P. (e sei que de outros clubes do Porto que mandaram gente à Volta) que foram convidados a ingressar num importante agrupamento lisboeta, até aqui afastado. Promessas de «sim» e outras tentações do diabo... Compreende: — Temos trabalhado muito. O Aniceto Bruno tem puxado rapazes. Fernando Moreira, Onofre Tavares, Joaquim Costa, Joaquim Sá, Novais, etc. — são produto do F. C. P. desde principiantes, desde juniores. Fizeram-se ciclistas sempre com a nossa camisola. Ora, se mais uma vez conseguirem ganhar na tentativa (e tantas venceram já) — sabe o que acontece, possivelmente?

— Não sei...
— Abandonaremos o ciclismo!
— Mas não haverá apenas boato?

— Não senhor! Certeza absoluta do que lhe digo. Nós sabemos tudo o que se passa. Tudo. E lamentável que isto venha a acontecer. Os desportistas portuenses não merecem golpes desta ordem. Mas se não houver quem nos defenda, o caminho não poderá ser outro, em minha opinião. É demais! Quando vamos com o terreno desbravado, à custa de sacrifícios, aparece sempre quem nos perturbe.

— Pode indicar nomes?

— Fique-se com isto, que já é bastante. Conheça-me suficientemente para saber que sou incapaz de dizer uma coisa por outra. Oxalá não tenha sido a primeira e única vez que a Volta a Portugal em bicicleta haja entusiasmado no Porto.

— Mas o seu clube saberá reagir.

— Tem sido tão maltratado, meu amigo... Aguardemos. Na altura própria lhe direi mais qualquer coisa. Serve-lhe assim?

— Claro que serve...

E despedimo-nos, não sem ouvirmos tudo da boca do nosso entrevistado. Que bem informado estava! Infelizmente, nem nos autorizou a dizer o seu nome nem todo o segredo que nos transmitia.

A PÁGINA do Porto teve de sacrificar-se às exigências da Volta a Portugal. Também serviu para nos dar merecido descanso, tanto mais que os assuntos não abundam. Aqui no Porto só a Volta dominava. Nem de transferências se falou à mesa dos cafés...

Mas elas deram-se. Embora em pequena escala, houve movimento de jogadores. Para a cidade do Porto, entretanto, não vieram consagrados. Falou-se muito em Travessos — mas já se sabe que ficou no Sporting. De resto — nada de importante por cá, a não ser que queiramos invocar o regresso definitivo de Sanfins, que era do Ovarense e há dois anos anda para alinhar no F. C. do Porto...

◆ SZABO (filho) ingressou na Associação Académica. Achamos bem. O rapaz entrará breve na Universidade e os azuis e brancos, reparando na situação delicada de pai (treinador) e filho (jogador), estiveram de acordo com a transferência...

◆ OCTAVIANO, ao contrário do que se disse, não foi dispensado pelo F. C. do Porto. Os campeões do Norte, não tendo fatura de jogadores, foram ficando com o que havia por caso. E pediram apenas a transferência de elementos ainda pouco conhecidos no mundo de bola.

◆ O BOAVISTA ficou com os mesmos elementos da época finda. O popular clube do Bessa pretende acompanhar o F. C. do Porto no campeonato nacional e, por isso, está disposto a classificar-se. Esta época, como se sabe, os campeões... podem perder o título e mesmo o segundo lugar. A luta, por isso, será «com os outros...»

◆ FERNANDO MOREIRA classificou-se bem na Volta, e sabe-se que lhe deu vibração, com certeza, a propaganda indispensável, no Porto, em todo o Norte — e até pelo país fora.

Esperemos todos que o barulho à roda do seu nome, tanta festa e homenagem, não tenham eliminado aquelas qualidades de excelente moço, modesto e brioso, que sempre tem sido. Um campeão do seu quilate deve manter intactas as virtudes que soube criar enquanto caminhava para a glória.

Do contrário — diríamos que o barro não era de boa qualidade. Compreendido?

◆ VIMOS a primeira lista de transferências autorizadas. Alguns casos engraçados na bola. A única elusão (na primeira lista) aos campeões do Norte — eliminava-lhe um pedidol já sabíamos. O «rapto» fora bem feito e melhor permitido. Trata-se do jogador Tavares, do Sanjoanense, homem de quem já falámos há tempos. Somos todos muito ingénuos...

Este Norte, este Norte...

◆ PAULO voltou ao Leixões. Como Feliciano ao Belenenses. Como outros... Não há responsabilidade, afinal, para os que fazem um pedido, que depois anulam sem cerimónia alguns?

Quando se dá a estas coisas uma feição séria?

Oito corredores portuenses

ouvidos em conversa simples e sem jeito de reportagem, transmitem-nos coisas que talvez o leitor não saiba...

O meu quarto na Casa de Sade de Benlca, que há mais de 20 dias me vê sempre na mesma posição, encheu-se na manhã de segunda-feira de corredores e de desportistas portuenses. Todos quantos andavam na Volta: — Fernando Moreira, Dias Santos, Joaquim Sá, Joaquim Costa e José Novais, do F. C. do Porto; Império dos Santos, individual; Manuel José Pereira, do Salgueiros, e António Castro, do Académico. Aniceto Bruno, o devotado ciclista e mestre dos rapazes do F. C. do Porto; João Rodrigues, delegado do popular clube portuense; Francisco Gonçalves, magista prático e dedicadíssimo, e ainda o mecânico da equipa, cujo nome não me ocorre agora, — juntaram-se aos rapazes que já concluíram briosamente a grande prova velódica.

Confesso que esta visita me sensibilizou bastante e ainda mais emocionado fiquei quando o campeão nacional, Fernando Moreira, proferindo algumas palavras amigas, me ofertou o ramo de cravos brancos e encarnados que recebera à sua chegada ao Estádio Nacional.

A visita de todos os portuenses que andavam na «Volta», logo na manhã de segunda-feira seguinte à sua conclusão, ofereceu-me no entanto a possibilidade interessante de ouvir opiniões oportuníssimas. Assim, depois de transmitir o meu agradecimento aos rapazes de uma terra que muito estimo, como já se sabe, — conversei com eles.

Primeiro — com Fernando Moreira, o ciclista n.º 1 do Norte e por certo o melhor de todos os tempos, porque Nunes de Abreu,

Aniceto Bruno

(Continuação da página anterior)

foi lapidado por si. E os amadores que bem representaram o F. C. P. na «Volta» — aprenderam com ele.

Logo que desistiu, José Aniceto Bruno recebeu ordens do seu clube para continuar na grande prova — como orientador, sem prejuízo da missão conferida ao seu delegado João Rodrigues, que também era da melhor confiança, claro está. Pois Aniceto Bruno, para evitar que Moreira ficasse em perigo, e por duas vezes que o seu carro de apoio se quedou a tratar de avarias — perseguiu o pelotão, de bicicleta, com rodas e material às costas, não acontecesse ao seu pupilo qualquer desastre irreparável!

A sua vigilância era constante. Os seus conselhos de homem que afectuou várias «Volta a Portugal», a «Volta a Espanha» e o Madrid-Lisboa, leriam forçosamente de ser inteligentes e decisivos.

Preste-se por isso sincera homenagem a José Aniceto, exemplo de boa educação, rapaz compreensivo e sereno, um excelente moço e um valor que o campeão noroeste nunca poderá dispensar. Nem mesmo quando as suas pernas já não possam dar-lhe triunfos, o que ainda pode acontecer futuramente.

Mes se tal não for possível — Aniceto Bruno, como Artur de Sousa (Pinga), por exemplo, como outras dedicações do passado — tem ainda um lugar dentro do principal clube do Norte. Ele bem o sabe!

Manuel Fernandes da Silva, Baltasar Falcão, Albino Nunes da Silva, Carvalho Marques e muitos mais que o Porto tem apresentado, não deveriam ultrapassar a lama justificada e maciça do campeão nacional de fundo e de velocidade.

Esta conversa com todos os rapazes que encheram o meu quarto de doente e de onde só agora me é permitido escrever alguma coisa, não levava jeitos de entrevistista, como é natural. Mas falar de ciclismo, depois de todos quererem saber como se parte uma perna sem para isso haver contribuído com a mais ligeira responsabilidade, — estava por certo no espírito de uns e de outros.

Pergantei a Moreira se estava satisfeito com a sua classificação. E a resposta veio pronta:

— Julgo que é honrosa para quem faz a sua estreia em prova de tamanha quilometragem. A desvantagem de tempo, como sabe, não foi demasiada.

— Mas contava ganhar?

— A partir de certa altura, não pensava noutra coisa. Mas foi sempre bem vigiado, e por muitos corredores de boa categoria. Não pude contar com etapas grandes, para aplicar o «meu golpe»...

— Mas José Martins...
— E' um grande corredor. Se o não fosse, não ganharia a prova!

— Está, nesse caso, satisfeito?

— Não. Há um azar que me pesa como nem calca. O facto de não ter vencido a etapa Santarém-Lisboa! Todavia, ninguém me impediria de ganhar se não me houvesse enganado à entrada da Praça da Maratona. Voltei para trás e ainda fui 4.º classificado. A culpa foi minha, mas a chegada naquele sitio, Santo Deus...

— Para o ano conta fazer melhor?

— A experiência desta Volta deve-me ter feito bem.

— E agora que vai fazer?

— Descansar. Depois, tenho uma ideia...

— Qual?

— Dar uma saltada ao Brasil, possivelmente com um colega de clube, para experimentar as pistas... Que lhe parece? Mas não posso esquecer que os «velhotes» não querem que eu viva longe deles. E dizem que eu não preciso do ciclismo para viver...

O meu olhar fixou-se depois em Império dos Santos. Disse-ram-me que, por alturas de Estremoz, teria havido «qualquer coisa»...

— E V., Império? Que decide sobre o futuro?

— Não sei. Aguardo que o F. C. do Porto resolva. Por agora, tudo confuso...

Intervenção rápida de Aniceto Bruno:

— Não há confusão alguma! O ciclismo exige compreensão

absoluta dos deveres de cada praticante. Um desvio, mesmo ligeiro, causa transtornos graves. Muitos rapazes, ainda novos, não compreendem às vezes certas coisas, e daí a existência de atritos dispensáveis.

Aniceto falou largo tempo. Ouviram-no em respeito todos os outros. No meu quarto foram revelados alguns segredos...

Adi nte. Foi a vez de Manuel Pereira, um simpático representante do Salgueiros, que me disse:

— A «Volta» correu-me bem mas a princípio. Se não fosse isso, classificaria-me-lhe de outra forma. Quando o F. C. do Porto tomou conta de mim, senti-me acarinhado, e parece-me que melhorei. Não estou triste por ser o último. Sou desportista e a um desportista não custam muito estas classificações.

Este rapaz do Salgueiros, modesto e sempre bem comportado, deixou de si admirável impressão. O que se chama um bom companheiro.

Chegou a vez de António Castro, o vilacondense amador do Académico. Outra simpatia. Expressando-se com facilidade, desembaraço.

— Conte-me?

— O meu 10.º lugar não é desonroso. Gostei muito de completar a «Volta» e parece-me que se ela se efectuar novamente, conseguirei melhor classificação.

— Quer dizer que o Académico estará representado no ano próximo?

— Exactamente. A despeito de um convite que me foi feito para ficar em Lisboa, e já não deixarei os ares do Norte. Para quê, abandonar a minha terra?

Oihel os corredores, surpreendido. Mas nenhum ofereceu o flanco. Todos sabiam disso, e tive até a impressão de que a catros teria acontecido o mesmo...

O caso interessava naturalmente, como reportagem, mas eu não me achava com disposição para investigações. De resto, como ensina a experiência, quando os atletas querem, — diz-se apenas o menos comprometedor. Além disso, é importante salientar que a simpática visita dos rapazes não me autorizava a ir muito longe, embora a revelação de Castro não chegasse aos meus ouvidos envolvida na teia do segredo. Não a provocara.

Mudei de campo. Os amadores do F. C. do Porto e ainda Dias Santos, o independente que fez uma prova animosa e regularíssima na segunda fase da «Volta», ainda não haviam dito da sua justiça. Ora os amadores azuis brancos portaram-se com muito brio.

Fiz-lhes ver isso mesmo. Logo Joaquim Sá, o 3.º da classificação geral, me responde neste tom:

— E acredite que «acordámos» tarde. Principiámos a medo. A «Volta» era o papão, para mim

e para os meus companheiros. Afinal, parece que cumprimos.

— Voltaremos para o ano, se ela se disputar — dizem do lado Joaquim Costa, vedeta do «contra-relógio», campeão nacional de amadores-juniors, e José Novais, que não conseguia ser feliz.

— Como «independentes»?

— Como for possível e o F. C. do Porto quiser. Estamos contentes por entregar ao nosso grande clube a taça do 2.º lugar da classificação geral — afirmou Novais, olhando significativamente para Aniceto Bruno e João Rodrigues, delegado da sua colectividade.

Por último — Dias Santos...
— Passou o mau tempo, não é verdade? Aquela queda ao chegar a Castro Verde...

— Dea-me que fazer. Cheguei a ter febre e o meu braço, todo ligado, fez-me pensar em desistir. Mas reagi, depois de Beja, onde o descanso foi compensador.

— Agrade-lhe a classificação obida?

— Agrade. Sinto que faria melhor se não fosse o desastre que referi e também se tivesse alinhado com outra preparação. Isto não foi possível por motivos de saúde. Para outra vez será! Ultrapassei alguns valores da velódipedia e isto já me satisfaz.

— Que pensa fazer agora?

— Obedecer ao meu clube e aparecer em boa forma no próximo ano.

Os visitantes estiveram mais de uma hora junto de mim. Fernando Moreira, para passar o tempo, relia umas cartas recebidas em Lisboa.

— Letras femininas... — observávamos. Alguma noiva bonita, lá do Porto ou arredores...

— Não tenho noiva. Nem quero ainda. Por acaso, são cartas escritas aqui mesmo, na capital.

— Cautela!

Fernando Moreira sorria, sem que pudéssemos perceber o seu significado. Aniceto Bruno, João Rodrigues e Francisco Gonçalves poisaram os seus olhos no campeão nacional. E como se foram embora por ser tarde para o almoço — fiquei na mesma...

— E tá, Chico? — Interrogo já de mão na mão do magagista do F. C. do Porto...

— Eu, meu caro, regresso à base, como soldado velho daquele clube que tu conheces. Já tenho saudades da terrinha e do ambiente. Deixo os homens da bicicleta e vou de novo tomar contacto com os músculos da rapaziada da bola, velhos conhecidos. É a vida...

E pronto. Sem querer, tive esta reportagem à mão. Creio que estará valorizada por muitas coisas que não escrevi, e ainda pelo sacrifício de passar tudo ao papel numa posição bem aborrecida...

Rodrigues Teles

ULTIMOS ASPECTOS da VOLTA A PORTUGAL



Em cima: Um formoso aspecto da grande prova. Em Braga os elementos da caravana aproveitaram o dia de descanso e organizaram um desafio de futebol. Eis os dois «teams» e uma fase do jogo.



1 — A actividade dos elementos do júri e dos jornalistas à chegada dos corredores no fim de cada etapa. 2 — A Emissora Nacional, dia a dia, pôs sempre em contacto todo o país com as fases da corrida. 3 — A equipa de polícia de Viação e Trânsito que acompanhou toda a prova, prestando admiráveis serviços. 4 — Em todo o percurso, nos locais de chegada lá estavam sempre grupos de mulheres portuguesas premiando os corredores com as suas ovações entusiásticas e os seus sorrisos gentis

O seleccionador nacional de futebol andou na «Volta». A sua missão era a de reportagem da grande competição ciclista. Não lhe passaram porem despercebidos os casos de futebol que ainda teve tempo para apreciar por toda a provincia. Registraram-se até dois momentos interessantes: em Portalegre o habilidoso Bentes, da Académica, foi felicitado, aproveitando da saudação o João Rebelo. Depois, em Braga, um encontro agradável, que deu motivo a recordações. Alberto Augusto, uma das glórias do futebol português e Rui de Araujo o «leão» que em breve deixará a actividade

A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL

Stadium



Flecha
a bicicleta dos campeões
A ILUMINANTE
Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa

2\$00

